

MICHAEL K E O ABISMO INTRANSPONÍVEL
ENTRE O EU E O MUNDO¹⁵⁹

Ilma da Silva Rebello (UERJ e UFF)
ilmarebello@gmail.com

John Maxwell Coetzee, nascido em 1940, na Cidade do Cabo, na África do Sul, tem se revelado um dos escritores mais importantes da atualidade. O sul-africano ganhou o Prêmio Nobel em 2003 e dois *Booker Prize*, em 1983, por *Vida e época de Michael K*, e em 1999, por *Desonra*.

Muito se comenta sobre a influência dos problemas raciais e políticos da África do Sul nas narrativas de Coetzee. Embora nem sempre especifique a África do Sul como cenário de suas narrativas, em *Vida e época de Michael K*, o país é palco de grande parte da ação. Este romance apresenta um país etnicamente dividido. É impossível abordar esta obra sem falar no contexto do *apartheid*. A narrativa tematiza o racismo contra a maioria negra que envolve a falta de liberdade – traduzida, sobretudo, no toque de recolher e nas patrulhas –, e também a burocracia, que exige “passes” para ir e vir. Anna K, mãe de Michael K, é empregada doméstica e mora com o filho num minúsculo quarto embaixo de uma escada. Diante de um futuro incerto, a narrativa problematiza o isolamento do indivíduo, estranho em relação a seu tempo. Resta-lhe viver em tensão com um mundo em constante guerra.

Como o próprio título do romance diz, *Vida e época de Michael K* aborda não apenas a história do personagem Michael K, mas também a época em que ele vive. A expressão “a vida” sugere geralmente que a vida terminou, enquanto que “vida” não implica esse sentido. O tempo em suas diversas acepções é, portanto, um elemento importante nessa obra romanesca. Logo no início do texto de Coetzee, é narrado o dia do nascimento de Michael K:

A primeira coisa que a parteira notou ao ajudar Michael K a sair de dentro da mãe para dentro do mundo foi que ele tinha lábio leporino. [...] Mas desde do começo Anna K não gostou da boca que não fechava e da carne viva e rosada exposta para ela. Estremeceu ao pensar no que havia crescido dentro dela

¹⁵⁹ Este artigo, com algumas alterações, integra a Tese de Doutorado intitulada “No caldeirão da história: a realidade labiríntica nas narrativas de Kafka, Coetzee e Chico Buarque”. Niterói: UFF, 2011. Orientador: Prof. Dr. Paulo Azevedo Bezerra.

aqueles meses todos. [...] Por causa da deformação, e porque não era rápido de cabeça, Michael foi tirado da escola [...] (COETZEE, 2003b, p. 9-10).

Michael K já nasce sob o estigma da diferença e da impotência: pobre, com má-formação e com capacidade mental reduzida. Com essas características, a narrativa parece indicar que só resta a Michael K viver à deriva pelo mundo. A metáfora do lábio fendido é uma espécie de determinismo biológico da quase incomunicabilidade de K, já que esta anomalia, em casos mais graves, é um obstáculo do fluxo da fala. Ao narrar a trajetória de Michael K, de dentro do aconchego materno para o mundo, Coetzee resgata a história de todo um povo sofrido durante o regime totalitário da África do Sul.

A rotina do personagem é marcada pela violência. A cidade situada está sob o signo da precariedade e do desamparo ao tornar explícitas as barbáries cometidas em nome da colonização, principalmente a segregação dos negros. É determinante a influência dos problemas políticos e raciais na África do Sul do *apartheid* na realidade de Michael K. Embora o *apartheid* não seja nomeado, toda a população é descrita como se estivesse perdida na guerra civil.

Michael K, jardineiro sem lar, perambula pelas estradas tentando voltar à fazenda onde a mãe moribunda passara a infância. Ele tinha a esperança de escapar da violência, “dos ônibus lotados, das filas de comida, dos balconistas arrogantes [...] das sirenes nas noites, do toque de recolher [...]” (*ibid.*, p. 14-15). O passado surge como uma recompensa para a precariedade do mundo em que vive. A fazenda se transforma num Éden perdido que poderá suplantar as sequelas deixadas pela guerra. O campo se abre para Michael como um céu. A busca desses dois valores – liberdade e segurança – é frustrada, pois o personagem é preso várias vezes e submetido a trabalhos forçados.

Dentro dessa realidade inóspita, a solidariedade não existe. Ao longo da narrativa são raríssimos os momentos em que esse sentimento é colocado em prática. No meio da precariedade, Michael percebe a sua condição de *gauche*, de marginalizado. Os visíveis indícios desse tempo histórico – frio e estéril – se revelam na realidade brutal de Michael K. Ele é um membro “silencioso” dessa paisagem sombria que domina o destino da África do Sul. Michael K vive numa prisão, onde os seus direitos desde sempre estiveram abolidos. Os campos para onde Michael é levado se assemelham aos campos de concentração nazistas, no entanto, ao contrário destes, os seres humanos não são exterminados, mas submetidos a trabalhos forçados e tratados como animais. Apesar disso, K é

completamente inabilitável ao mundo do *apartheid*. No final da narrativa, o exército é descrito descalço, acentuando a decadência de um sistema que durante anos dividiu o país entre brancos e negros (COETZEE, 2003, p. 154).

Somando-se ao regime de segregação, as regras do capitalismo também são reveladas. Quando Anna K começou a ficar doente, os patrões cortaram um terço do seu salário e contrataram uma mulher mais moça. As pessoas perdem a utilidade, como se fossem mercadorias cuja validade estivesse vencida. Perdem o viço, a atração e o caráter de necessário. Como mercadorias, os seres humanos são úteis enquanto dispõem de beleza, de juventude, de força e de disposição. Michael K revela uma boa percepção dessa realidade injusta quando afirma:

Minha mãe trabalhou a vida inteira [...] Esfregava o chão dos outros, fazia comida para eles, lavava o pai deles. Lavava a roupa suja. Lavava a banheira depois que eles usavam. Ficava de joelhos e lavava a privada. Mas quando estava velha e doente, se esqueceram dela. Deixaram encostada num canto onde ninguém via. Quando morreu, jogaram ela no fogo. Entregaram para mim uma caixa velha com cinzas e me disseram: Aqui está sua mãe, leve embora, ela não serve para nós (*ibid.*, p. 158-159).

Anna K é submetida a uma metamorfose que a reduz a um objeto, a mera executora de papéis. A força humana de trabalho é vendida em troca de um salário, tornando-se uma mercadoria como as outras. Adoentada, Anna K “vivía com medo de que os Buhrmann [os patrões] cessassem com a *caridade*” [*grifo nosso*] (*ibid.*, p. 13). O sentimento de sujeição aos critérios utilitários do mercado leva Anna K a acreditar que até o seu trabalho é uma beneficência dos empregadores. Os trabalhadores são vistos em relação à quantidade de trabalho que podem executar. O tempo de trabalho ocupa a maior parte do tempo de vida dos indivíduos enredados nessa estrutura. No entanto, eles precisam se submeter a essa realidade de se quiserem sobreviver. Os homens passam a não viver a própria vida e a desempenharem meras funções.

Em *A condição humana*, Arendt faz um estudo de três atividades que integram a “vida activa”: labor (*labor*), trabalho (*work*) e ação (*action*), que ajudam a compreender a organização do trabalho na sociedade moderna. Segundo a filósofa (2004, p. 94), o labor é uma atividade realizada pela necessidade biológica. “Tudo o que o labor produz destina-se a alimentar quase imediatamente o processo da vida humana, e este consumo, regenerando o processo vital, produz – ou antes, reproduz – nova ‘força de trabalho’ de que o corpo necessita para seu posterior sustento” (*ibid.*, p. 111). Para os gregos, “laborar significava ser escravizado pela

necessidade, escravidão esta inerente às condições da vida humana. Pelo fato de serem sujeitos às necessidades da vida, os homens só podiam conquistar a liberdade subjugando outros que eles, à força, submetiam à necessidade” (*ibid.*, p. 94). Desse modo, o fato de alguém realizar as tarefas voltadas para a manutenção e as necessidades da vida justificaria a existência da escravidão, na visão dos gregos.

O trabalho, ao contrário do labor, consiste na atividade do *homo faber* de produzir objetos duráveis. As mãos simbolizam o elemento central do trabalho, pois estão relacionadas às ideias de construção e de criatividade. A ação, por sua vez, não está relacionada à sobrevivência biológica ou à produção técnica. A ação se concretiza na interação entre os indivíduos.

Em virtude da incorporação da noção de produtividade ao trabalho humano, a fim de formar excedentes para a geração de riquezas, o trabalho passou a ser executado à maneira do labor. “Os produtos do trabalho – objetos destinados ao uso – passaram a ser consumidos como bens de consumo” (*ibid.*, p. 242).

Na narrativa de Coetzee, as atividades realizadas por Anna K e Michael K – empregada doméstica e jardineiro, respectivamente, – são movidas pelas necessidades imediatas da vida. Tudo o que buscam é sobreviver em um mundo hostil. Essa atitude os aproxima da condição animal: nascer, crescer, alimentar-se, reproduzir-se e morrer. Essa é a forma como vive grande parte da população da África do Sul em meio ao *apartheid*. Para essas pessoas, a vida e o mundo se resumem ao labor. Viver é uma interminável repetição até que a trajetória termine. Por outro lado, Arendt (2004, p. 118-119) diz que o labor dá significado à vida:

“A benção ou alegria” do labor é o modo humano de sentir a pura satisfação de se estar vivo que temos em comum com todas as criaturas viventes; e chega a ser o único modo pelo qual também os homens podem permanecer no ciclo prescrito pela natureza, dele participando prazerosamente, labutando e repousando, laborando e consumindo, com a mesma regularidade feliz e intencional com que o dia segue a noite e a morte segue a vida. A recompensa das fadigas e penas está na fertilidade da natureza, na tranquila certeza de que aquele que cumpriu sua parte de ‘fadigas e penas’ permanecerá como parte da natureza no futuro de seus filhos e nos filhos de seus filhos.

É a satisfação de estar vivo e usufruir a natureza que alimenta os dias de Michael K na fazenda. Ao reduzir o seu projeto de vida à mera subsistência e isolar-se do convívio com as outras pessoas, Michael K abre mão da comunicação e da ação, colocando em risco a própria condição humana. Com isso, a sua vida “está literalmente morta para o mundo;

deixa de ser uma vida humana, uma vez que já não é vivida entre os homens” (*ibid.*, p. 189). Segundo Arendt (*ibid.*), “é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico original”.

Desse modo, Anna K e Michael K vivem na tentativa de resistir às adversidades. Eles são, portanto, produtos do sistema. Eles habitam um quartinho emprestado pelos patrões, debaixo de uma escada, com uma placa de perigo na porta. As condições são precárias. Vivendo embaixo da escada, os personagens são reduzidos à condição de objetos de uso.

Anna K e Michael K, excluídos e marcados como refugo, fazem parte de uma população desprotegida pela lei – produtos secundários de uma forma de produção, um “exército industrial de reserva”. A chancela do “perigo” ronda a cabeça desses seres não integrados ao sistema produtivo e, portanto, representantes da ameaça à ordem social.

As placas têm a função de sinalizar, de advertir, de mostrar a direção ou simplesmente chamar a atenção. No romance, a “placa do perigo” estabelece uma relação de sentido com a realidade narrativa ao mostrar que Michael K e Anna K, assim como o inseto Gregor Samsa, de Kafka, não se ajustam e não podem ser ajustados ao sistema. São nódoas em meio à paisagem, seres inválidos. A placa dialoga com a condição precária dos personagens. Nas palavras de Anna K – “me sinto uma rã debaixo de uma pedra morando aqui” (COETZEE, 2003b, p. 16) – percebe-se a redução dos personagens à animalidade. O poder corrosivo permeia as relações sociais e subjetivas da realidade de Michael. Esta questão fica evidente nas várias metáforas de parasitismo usadas pelo autor para descrever as relações entre os personagens e o mundo.

Michael K não se deixa “enquadrar pela sociedade”, apesar da vida passada em prisões. Ele vive “fora do alcance do calendário e do relógio” (*ibid.*, p. 134). Sobre a sua história, ele esclarece:

Eu contaria a história de uma vida passada em prisões, onde eu estava dia após dia, ano após ano com a testa apertada no arame, olhando ao longe, sonhando com experiências que nunca ia viver e onde os guardas me xingavam e chutavam meu traseiro e me mandavam esfregar o chão (*ibid.*, p. 208).

Michael K, condenado a uma vida inútil, demonstra com sua história de vida que a resistência não implica violência. Os campos para onde ele é levado destinam-se não apenas a degradar os seres humanos, mas a transformá-los numa simples coisa. O sofrimento converte homens em

animais que não se comunicam e não se queixam. Do ponto de vista da sociedade dominante, K é absolutamente supérfluo.

Arendt (2006, p. 496) associa os campos de concentração às três concepções ocidentais básicas de uma vida após a morte: O Limbo, O Purgatório e o Inferno. Ao Limbo destinam-se os elementos indesejáveis, como os refugiados, os marginais e os desempregados, que devem ser afastados da sociedade. O Purgatório é representado pelos campos onde o abandono alia-se ao trabalho forçado. O Inferno é representado por aqueles campos aperfeiçoados pelos nazistas que causavam o maior tormento possível. Podemos dizer que Michael K transitou pelas três esferas. Viveu entre dois “campos”: o campo como fazenda e o campo como lugar para onde os pobres eram levados. Este último visava, entre outras coisas, a aniquilar o ser humano.

O primeiro passo para o aniquilamento do indivíduo é a anulação da condição cívica do homem. Michael K foi excluído da proteção da lei e passou a ser um marginalizado. O segundo passo é matar a pessoa moral do homem. Isto acontece quando lhe é negada uma vida digna. Michael é tratado como inútil e como um cadáver-vivo. Nada, nem a morte lhe pertencia, e ele não pertencia a ninguém. O terceiro passo é a identidade do indivíduo. Essa parte da pessoa é a mais difícil de destruir. O personagem de Coetzee era transportado em vagões como gado. Embora K não soubesse o seu lugar no mundo e tivesse sua identidade quadruplicada – Michael K, Michael, K e Michaels –, ele termina a narrativa com o mesmo sonho e com os mesmos valores: cuidar da terra. A sua singularidade, fruto da natureza, aqueles que detêm o poder não conseguem usurpar. Daí o narrador concluir perplexo que K havia conseguido “se instalar dentro de um sistema sem passar a fazer parte dele” (COETZEE, 2003b, p. 192).

A identidade do personagem oscila ao longo da obra: Michael K, Michael, K e Michaels. *Michael K* e *K* remetem aos personagens de Kafka. Já *Michael* alude ao homem sem sobrenome e sem cidadania. *Michaels*, no plural, aponta para uma coletividade (Cf. HELENA, 2006, p. 140-141). Com a inicial ou no plural, a narrativa mostra um personagem desenraizado no tempo e no espaço. Michael tem o sentido que vai além da simples percepção do narrador. Ele é tão singular que extrapola os limites da narrativa. Na primeira e terceira partes, o narrador é onisciente e descreve os personagens a partir de sua interioridade. Na segunda parte, temos um narrador-personagem. Ele descreve os personagens, principalmente Michael K, e com ele se identifica, a ponto de nele se desdobrar.

O narrador desdobra-se em dois “eus” para contar a história de Michael: um “eu” que expõe (na primeira e na terceira partes) e um “eu” que investiga (na segunda parte). Na segunda parte, o personagem é denominado *Michaels*. O narrador passa a contar a história em primeira pessoa. Neste momento, ficamos sabendo que o narrador é um oficial médico que cuida de Michael K. Assim diz o narrador ao receber Michael K no centro de reabilitação:

Há um novo paciente na sala, um velhinho que desmaiou durante o treinamento físico [...] foi encontrado sozinho no meio do nada no Karoo [...]. Perguntei aos guardas que o trouxeram para cá por que obrigavam alguém nas condições dele a fazer ginástica [...]. O prisioneiro não reclamou, responderam [...]. Vocês não enxergam a diferença entre um homem magro e uma caveira?, perguntei (COETZEE, 2003b, p. 151-152).

Nestas condições, fraco e envelhecido, o personagem Michael K, aos trinta e dois anos, deu entrada no campo de reabilitação. O personagem se impõe ao narrador. Este se recusa a acreditar que Michael estivesse cuidando de uma fazenda abandonada e alimentando a população da guerrilha local, conforme mencionado pela polícia. É difícil para o narrador acreditar que alguém tão inexpressivo pudesse ser um conspirador contra o governo, da política local:

“Eles erraram”, disse [o narrador]. “Devem ter confundido esse com algum outro Michaels. Este Michaels é um bobo. Este Michaels não sabe como riscar um fósforo. Se este Michaels estava cuidando de uma bela plantação, por que estava morrendo de fome?” [...] Ele diz que o nome dele é Michael, não Michaels (*ibid.*, p. 153).

Michael revela uma face oculta e corajosa, de uma grandeza que intriga o narrador. Enquanto rasteja humildemente, ganha uma dimensão que inverte as posições. Ele passa a ser especial para o narrador, ocupando um lugar de honra. Michael interroga o motivo dos médicos se preocuparem tanto com ele. O narrador responde: “[...] ele está certo: eu presto mesmo muita atenção nele. Quem é ele, afinal?” (*ibid.*, p. 159). O narrador fica impressionado com o comportamento de K, alheio à violência do mundo, a ponto de pedir para o responsável pelo campo de reabilitação, Noel, inventar alguma coisa para o relatório e mandar o paciente embora (*ibid.*, p. 164). O narrador chega à seguinte conclusão: “ele [Michael K] não é deste mundo. Vive num mundo todo dele” (*ibid.*, p. 165). Em virtude de Michael ser um prodígio, há uma disputa sobre o real sentido do protagonista. Como se explica a resistência de Michael? Através do seu jeito singular, Michael personifica com profundidade os lineamentos universais e significativos de sua época.

A realidade de K é hostil: ele é um negro numa época de exacerbado racismo e dominação branca no continente africano, no entanto, é incapaz de um ato de rancor ou violência. O narrador acaba descobrindo a si mesmo, graças ao que Michael K suscita. Assim diz o narrador: “você nunca pediu nada, e assim mesmo virou um albatroz pendurado no meu pescoço. Seus braços ossudos estão em volta da minha cabeça, e ando curvado com o seu peso” (COETZEE, 2003b, p. 169). O personagem se expande e o narrador não consegue abarcar a sua singularidade. Michael K passou a ser motivo de repúdio e admiração. Ao mesmo tempo em que Michael é repudiado pela sociedade, também provoca espanto com o seu jeito de ser.

Indefinível, Michael K sensibiliza até o narrador. Este diz para Michael K: “não pedi para você vir aqui. Estava tudo bem comigo antes de você aparecer. Eu era feliz, feliz como dá para ser num lugar como este. Portanto, eu também pergunto: por que eu?” (*ibid.*, p. 173). Desta forma, o narrador interroga o motivo pelo qual havia sido o escolhido. A partir do momento em que Michael entrou no campo de reabilitação, o narrador-personagem passa a viver um turbilhão de emoções que desalinham completamente a sua vida.

O narrador, numa carta ao seu personagem, define o mundo cruel em que viviam. Ele menciona que o erro de Michael foi ter se amarrado à mãe e vivido em função dela. O lugar ideal para K seria um “canto tranquilo de um jardim obscuro em um subúrbio sossegado” (*ibid.*, p. 174). A mãe de Michael é, para o narrador, a personificação da morte, pois durante o tempo em que estava viva, o filho foi sufocado com o seu “peso” e depois de morta ainda continuava interferindo na vida de K. A narrativa contrapõe a mãe-biológica à mãe-terra. Michael K, ao interrogar o porquê de ter sido trazido ao mundo, “recebera sua resposta: tinha vindo ao mundo para cuidar da mãe” (*ibid.*, p. 13). O personagem não desiste da missão de cuidar da mãe e, depois desta morta, de levar suas cinzas para a fazenda. Percebe-se, portanto, que “cuidar da mãe” assume um duplo sentido na história, relacionando-se com a mãe-biológica e a mãe-terra.

Michael K era, na visão do narrador, “uma criatura acima do alcance das leis das nações” (*ibid.*, p. 175). A experiência da guerra e a segregação racial incidem sobre uma personalidade que, como já foi dito, parece impermeável à história. Na insignificância com que se apresenta, Michael destaca-se como um ser dissonante da realidade em que vive. Em carta, o narrador diz sobre Michael K:

[...] uma alma abençoadamente intocada por doutrinas, intocada pela história, uma alma que bate as asas dentro desse rígido sarcófago, murmurando por trás dessa máscara de palhaço [...] uma criatura que sobrou de uma era anterior (COETZEE, 2003b, p. 176).

Nessa carta, o narrador coloca Michael K como uma peça de museu, em virtude de sua grandiosidade. Um personagem que conseguiu viver e sobreviver no “caldeirão da história”, como se estivesse “flutuando pelo tempo”. O narrador quer fugir da realidade ou igualar-se a Michael K, como podemos perceber no trecho a seguir:

Talvez nós dois [o narrador-personagem e Noel] devêssemos arrancar uma folha do livro de Michaels e viajar para um lugar mais tranquilo do país, [...] e montar casa lá, dois cavalheiros desertores de meios modestos e hábitos discretos. Como chegar até onde Michaels chegou sem ser apanhado é a maior dificuldade. Talvez um bom começo fosse nos livrarmos de nossas fardas, sujar as unhas de terra e andar um pouco mais perto do chão; embora eu duvide que jamais possamos parecer tão comuns quanto Michaels [...] (*ibid.*, p. 186). [...] Na noite em que Michaels escapou, eu devia ter ido junto (*ibid.*, p. 187).

A partir da convivência com Michael K, o narrador começa a questionar o seu modo de vida. Os sentimentos experimentados pelo narrador-personagem demonstram o quanto a sua vida e até o seu discurso foram influenciados pela inadequação de Michael à sociedade. A angústia do narrador não é fruto da época, mas advém da concepção enganosa que tinha sobre a vida e sobre Michael K. Em seu discurso, o narrador declara o desejo de ser uma espécie de “bicho” – “sujar as unhas de terra e andar um pouco mais perto do chão” –, pois talvez só na simplicidade conseguiria sobreviver ao caos. O narrador escolhe viver como seres humanos, como Michael, discriminados e considerados “anormais”, mostrando a sua preocupação com a sobrevivência em tempos como aqueles. Esse anseio de ir à natureza é a fuga de uma realidade opressora, pois a natureza significa liberdade, o único possível no *apartheid*.

Michael K corporifica os problemas enfrentados pela população negra da África do Sul. O romance ilustra as consequências do *apartheid* e mostra o estado de urgência que se instaura no país a partir de 1985. Numa conversa entre Noel e o narrador, este menciona ter esquecido as causas da guerra:

Além disso, falei, pode me lembrar por que estamos fazendo essa guerra? Uma vez me disseram, mas faz tempo e parece que esqueci.

Estamos fazendo esta guerra, disse Noel, para as minorias terem algo a dizer sobre seus destinos (COETZEE, 2003b, p. 183).

A razão da perplexidade do oficial médico parece remeter ao fato de que as exigências da própria guerra ultrapassam os motivos que a provocaram. A guerra se desenrolou durante tantos anos que já não fazia mais sentido para os personagens. O cenário apresentado no romance expõe a política da minoria branca, que rege o destino da África do Sul. Além disso, desvela a incoerência da ausência de direitos sociais e políticos comuns em nível nacional.

Michael K é definido pelos lábios leporinos, a limitação da linguagem e a cor negra. As autoridades, assim como os médicos do campo de reabilitação, sentem dificuldades em extrair a história de Michael. No boletim de ocorrências, o policial até atribui a debilidade e a incoerência de K à intoxicação por álcool (*ibid.*, p. 84). A linguagem articulada é, entre outras coisas, o que diferencia os humanos dos animais irracionais. Ao longo da narrativa, o personagem se recusa a explicar a sua origem ou os acontecimentos que o cercam. Ele diz: “eu era mudo e burro no começo, vou ficar mudo e burro até o final” (*ibid.*, p. 209). A linguagem é o que estabelece a relação com o mundo e com os outros, com a vida social e política. Deste modo, a comunicação de K com o mundo é precária. A principal característica do personagem não é a sua rudeza, no sentido de rústico e não de mal-educado ou sórdido, mas a falta de relações sociais. A ausência de qualquer relacionamento significativo entre Michael e os outros personagens – com exceção de sua mãe – transmite a sensação de que estamos diante de um ser que escapa do comportamento tido como humano.

Logo no início da obra, o narrador conta que Michael K passou parte da sua infância “sentado em cima de um cobertor vendo a mãe limpar o chão dos outros, aprendendo a *ficar quieto*” [*grifo nosso*] (*ibid.*, p. 10). Percebe-se, portanto, que o silêncio, ou seja, o “ficar quieto” vai percorrer a história de vida do protagonista. A linguagem de Michael é considerada, para as pessoas ao seu redor, lacunosa; e o seu imaginário dá-se em retalhos de sonhos e em desejos de viver num mundo melhor, sem toque de recolher e sem violência.

As imagens finais de Michael K – sonhando em voltar ao campo e procurar um carrinho de mão abandonado – parecem remeter ao início da narrativa. Nele, Michael pretendia ir para o campo com a sua mãe. No final, desejava ir com um guia.

A narrativa apresenta, mesmo que de forma sutil, a noção de futuro, apesar de toda a adversidade. O objetivo de Michael não é contribuir

para a perpetuação da espécie. Para ele, “um homem tem de viver de modo a não deixar sinal da sua vida” (COETZEE, 2003b, p. 116). Em virtude das condições difíceis seria impossível assegurar aos seus filhos uma vida digna: “que sorte eu não ter filhos [...] Ia fracassar nos meus deveres, seria o pior dos pais” (*ibid.*, p. 122). Michael percebe que seus filhos seriam como ele, subjugados pelo sistema social opressor em que vive. Por isso, ele entende que o melhor era não perpetuar essa linhagem de seres marginalizados. Michael se diz “jardineiro” (*ibid.*, p. 209). Sua responsabilidade consistia em conservar as sementes para o futuro, mantendo certos valores que lhe permitiriam viver uma época melhor.

Forster (2008, p. 73) menciona que os principais fatos da vida humana são cinco: “nascimento, alimentação, sono, amor e morte”. Na obra de Coetzee, esses fatos são abordados, mas fogem um pouco do padrão convencional. Michael nasce sob o estigma da anormalidade (lábios leporinos), sua alimentação é precária – raízes e insetos –, dorme pouco e às vezes se mantém em vigília. Desses aspectos, o amor é o mais controverso. O personagem não se casa e também não tem filhos. O seu amor se resume ao ato de cultivar a terra, de cuidar das sementes para elas não se extinguirem. Quanto à morte, Michael chega perto, mas não sucumbe. Ele inicia a sua história de vida com o sonho de levar a mãe para o campo – que o acompanhará ao longo da obra – e termina com o mesmo desejo, mas agora com o fantasma da mãe. O campo é, para Michael, o porto seguro. O lugar ideal para se viver em paz e harmonia com a natureza. O sonho é também um dos fatos importantes na vida do personagem.

No tempo de Michael, a morte como desfecho seria o mais óbvio. No entanto, Coetzee faz o sonho finalizar a sua obra. O sonho surge em contraponto com a morte, pois é o que alimenta e faz o personagem viver. Michael preenche todo o livro que leva seu nome e, parafraseando Forster (2008, p. 80), ergue-se como uma árvore no parque, de modo que podemos avistá-lo sob todos os ângulos. Aqui o sonho é introduzido como a possibilidade de uma vida diferente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *Origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. 6. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COETZEE, J. M. *Desonra*. Tradução de José Rubens Siqueira. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003a.

_____. *Vida e época de Michael K*. Tradução de José Rubens Siqueira. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Tradução de Sérgio Alcides. Organização de Oliver Stallybrass. Prefácio de Luiz Ruffato. 4. ed. 2. reimp. São Paulo: Globo, 2008.

HELENA, Lucia. “Ruínas do moderno na ficção do pós-moderno: a ficção da crise e o pensamento trágico”. *Via Atlântica*, nº 9. São Paulo: USP, 2006. p. 39-162.